

Tradição e história de uma devoção católica no norte peruano: Santíssima Cruz de Chalpón

Alexandre Karsburg¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i38.53482>

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar a festa religiosa da Santíssima Cruz de Chalpón, na cidade de Motupe, analisando-a como uma devoção católica específica a partir da perspectiva da tradição oral e da história. O texto está dividido em quatro partes: a) na introdução, apresento os motivos para analisar tal devoção religiosa; b) a seguir, faço breve relato da festa em si; c) na sequência, descrevo a oralidade e a história desse evento; d) por fim, discuto como a história e a memória se rearticularam para a constituição do personagem que construiu a cruz: *Juan Agustín de Abad*. As fontes para este artigo são um amálgama de observação participante, entrevistas orais, jornais do século XIX e outros documentos primários, além de bibliografia peruana recente e de diferentes décadas do século XX. A festa a Santíssima Cruz de Chalpón, em sua essência, é semelhante a outras manifestações religiosas católicas espalhadas pela América Latina. Porém, afirmo que devemos buscar nas características locais as especificidades que moldaram as crenças e as expressões de fé criadas em torno do lugar, da cruz e do personagem.

Palavras-chave: Festas Religiosas, Santíssima Cruz de Chalpón, Tradição Oral, História, América Latina.

Tradition and history of a Catholic devotion in northern Peru (Holy Cross of Chalpón)

Abstract: This article aims to present a religious festival in the city of Motupe, analyzing it as a specific Catholic devotion from the perspective of oral tradition and history. The text is divided into four parts: a) in the introduction, I present the reasons for analyzing such religious devotion; b) next, I give a brief account of the party itself; c) in the sequence, I describe the orality and the history of the celebration; d) finally, I discuss how history and memory rearticulated to build a character: *Juan Agustín de Abad*. The sources for this article are an amalgamation of participant observation, oral interviews, 19th century newspapers and other primary documents, in addition to recent Peruvian bibliography and literature from different decades of the 20th century. The celebration of the Santísima Cruz de Chalpón, in its essence, is similar to other Catholic religious

¹ Doutor em História Social, Instituto de História/UFRJ. Email: akarsburg@gmail.com.

manifestations spread throughout Latin America. However, I affirm that we must look to the local characteristics for the specificities that shaped the beliefs and expressions of faith created around the place, the cross and the character.

Keywords: Religious Festivals, Holy Cross of Chalpón, Oral Tradition, History, Latin America.

Tradición e historia de una devoción católica en el norte del Perú (Santísima Cruz de Chalpón)

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar una fiesta religiosa en el norte de Perú, la Santísima Cruz de Chalpón, en la ciudad de Motupe, analizándola como una devoción católica específica desde la perspectiva de la tradición oral y la historia. El texto está dividido en cuatro partes: a) en la introducción, presento las razones para analizar tal devoción religiosa; b) a continuación, doy una breve reseña de la parte misma; c) en la secuencia, describo la oralidad y la historia de la celebración; d) finalmente, discuto cómo se rearticuló la historia y la memoria para construir un personaje: Juan Agustín de Abad. Las fuentes de este artículo son una amalgama de observación participante, entrevistas orales, periódicos del siglo XIX y otros documentos primarios, así como la literatura peruana reciente y de diferentes décadas del siglo XX. La celebración de la Santísima Cruz de Chalpón, en su esencia, es similar a otras manifestaciones religiosas católicas que se extienden por toda América Latina. Sin embargo, afirmo que debemos buscar en las características locales las especificidades que dieron forma a las creencias y expresiones de fe creadas en torno al lugar, la cruz y el personaje.

Palabras clave: Fiestas religiosas, Santísima Cruz de Chalpón, Tradición oral, Historia, América Latina.

Recebido em 01/05/2020 - Aprovado em 25/06/2020

Introdução

Quase chegando ao topo da montanha, após horas de subida por íngreme escadaria, deparamo-nos com pequena multidão diante de um paredão rochoso. Uma placa dava um aviso: *Estimado peregrino: El agua bendita no se vende*. Não havia muita organização, por isso, pessoas empurravam-se para logo se aproximar da fonte. Ela era protegida por grades, e, no pequeno espaço existente entre as grades e o paredão de onde brotava a água, notamos que eram três crianças a encherem as garrafas dos romeiros, talvez por conta da curvatura da rocha na parte superior, achatando a altura. Após alcançarmos nossas garrafas aos jovens e eles as completarem com o “precioso” líquido, abrimos caminho para encontrar um local para montar o equipamento de filmagem que iria gravar toda aquela movimentação. Enquanto fazíamos isso, acercou-se uma jovem pedindo de onde vínhamos. Tomei a frente e disse que éramos do Brasil e estávamos realizando um documentário a respeito das devoções iniciadas pelo eremita *Juan Agustín*

de *Abad*. Mostrando-se interessada, a jovem perguntou se era verdade que os ossos do eremita estavam em Roma e que ele havia sido canonizado. Por milésimos de segundos hesitei em responder.

A fonte de “água benta” é um dos motivos que faz com que milhares de pessoas subam uma montanha que fica localizada no norte peruano, na cidade de Motupe.² A água da fonte é um alívio após horas de caminhada, incentivo para que os peregrinos continuem até atingir o objetivo final, que é chegar à gruta onde repousa uma cruz de madeira: a Santíssima Cruz de Chalpón.³ Tal símbolo religioso é reverenciado há mais de cento e cinquenta anos na região, fazendo com que a Festa a Santíssima Cruz seja uma das mais importantes em todo o Peru.

O interesse por escrever a respeito desta festa, muito conhecida no Peru, mas praticamente ignorada fora do país,⁴ nasceu a partir de minha participação como consultor histórico para a produção de um documentário sobre as inúmeras devoções existentes nas três Américas que se originaram das pregações religiosas de um eremita italiano chamado *Giovanni Maria de Agostini* (1801-1869).⁵ Este indivíduo, conhecido no sul do Brasil como monge João Maria, havia percorrido a totalidade do continente americano no século XIX. Assim, sabendo que uma das tantas paradas que este eremita fez ao longo de sua jornada havia sido em Motupe – por provas documentais que adiante apresentarei –, partimos, então, para o Peru a fim de registrar, por fotos e vídeos, as manifestações de fé a Santíssima Cruz de Chalpón.⁶

O método que utilizei nesta e em outras viagens⁷ foi o de observador participante, ou seja, fiz os mesmos caminhos dos peregrinos, frequentando os mesmos

² Motupe está localizada a oitocentos e cinquenta quilômetros ao norte de Lima, capital do Peru. O município fica em região semiárida, com baixíssima frequência de chuvas. Apesar de os Andes estarem próximos, suas características geográficas de planície a fazem mais semelhante à costa litorânea. Segundo censo demográfico de 2017, Motupe tem quase trinta mil habitantes, pertencendo à província de Lambayeque.

³ Chalpón é o nome da montanha (quase dois mil metros de altura) onde fica a gruta com a cruz em seu interior. Está a pouco mais de dez quilômetros do centro da cidade de Motupe.

⁴ A não ser no Equador, cuja fronteira fica a duzentos e oitenta quilômetros.

⁵ A produtora de cinema Plural Filmes, por meio de verba proveniente de um edital da Fundação Catarinense de Cultura, estava para iniciar a realização do documentário quando a diretora, Márcia Paraíso, entrou em contato comigo para participar como consultor histórico.

⁶ O longa-metragem tem por título: “A Maravilha do Século: a incrível jornada de Giovanni Maria de Agostini pelas Américas no século 19”. Ele foi lançado em diversos locais do Brasil no ano de 2019. Devido à pandemia de Covid-19 no primeiro semestre de 2020, os lançamentos internacionais foram adiados.

⁷ Além de Motupe, no Peru, visitamos diversos lugares no Brasil, no México, em Cuba, nos Estados Unidos e na Itália, entre abril de 2017 e novembro de 2018. Para estas viagens obtive apoio da produtora Plural Filmes e do coprodutor associado dos Estados Unidos, David Thomas. Para

espaços, participando das procissões e conversando com quem queria dialogar. Enquanto a equipe filmava e fazia as entrevistas, eu anotava em um caderno as minhas impressões sobre o que via e ouvia, atento aos depoentes, aos depoimentos e ao contexto geral que nos cercava. No caso específico de Motupe, local da festa a Santíssima Cruz de Chalpón, peguei o contato dos depoentes para lhes enviar, posteriormente por e-mail, um questionário com doze perguntas.⁸ Algumas respostas vieram igualmente por correio eletrônico após alguns meses. Para complementar, visitei arquivos e bibliotecas a fim de pesquisar documentos e adquirir livros. Como chave interpretativa para analisar o material e escrever esse texto, inspirei-me na obra de Carlos Alberto Steil (1996),⁹ bem como utilizei outros autores que discutem como a memória e a tradição oral podem ser tomadas como objetos da história.¹⁰

A festa da Santíssima Cruz de Chalpón

Comemorada na primeira semana de agosto, talvez a festa a Santíssima Cruz de Chalpón, em Motupe, seja uma das poucas no mundo em que se exalte a Santa Cruz fora do mês de setembro.¹¹ São milhares de pessoas que circulam pela região durante os dias

complementar os gastos, utilizei verba da bolsa CAPES durante meu estágio de pós-doutorado no PPGH da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁸ As perguntas foram: **1)** Qual é o seu nome? **2)** Qual a data de seu nascimento? **3)** Qual é o lugar/cidade de seu nascimento? **4)** Quando ficou sabendo da festa da Santíssima Cruz de Chalpón? **5)** Quantas vezes você participou da festa? **6)** Como você definiria a sua participação na festa: peregrinação, comércio, estudos? **7)** Você tem alguma história particular sobre a festa? **8)** O que você sabe acerca do padre *Juan Agustín de Abad*? **9)** Você acredita que a festa se modificou desde que começou a participar dela? **10)** Você tem alguma informação sobre as outras cruzeiras feitas por *Juan Agustín de Abad*? Onde estão? São tão famosas como a Cruz de Chalpón? **11)** Qual é a sua opinião sobre a festa da Santíssima Cruz de Chalpón? Mudarias algo na festa? **12)** Faça algum comentário que achar pertinente ou necessário.

⁹ Em “O sertão das Romarias”, Steil analisa a Romaria de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, a partir de entrevistas, observação participante e bibliografia, trazendo para o primeiro plano a paisagem, os atores e rituais que compõem a devoção. O autor busca perceber quando a história da romaria se tornou mito (a tradição oral e a construção dos discursos dosromeiros) e quando o mito se tornou história (a tradição escrita e a institucionalização do culto), concluindo que a reinvenção da festa foi obra orquestrada pelos próprios participantes em resposta a contextos específicos, como o Concílio Vaticano II e a luta pela terra.

¹⁰ A discussão sobre memória, tradição oral e história é, de fato, bastante ampla, como prova o artigo de Ângelo e Siqueira (2018), cuja análise é feita dentro da perspectiva do Patrimônio Cultural. Porém, como esse não é o foco central do presente artigo, indico aqueles que me serviram para pensar o material empírico: Meneses (1992), Pollak (1992), Nora (1993), Meneses (2018), Mauad (2018).

¹¹ A festa acontece em agosto porque a cruz fora “descoberta” por moradores de Motupe em cinco de agosto de 1868, segundo a tradição local acredita. A Irmandade da Santíssima Cruz de Chalpón

do evento. Do local onde a cruz repousa o ano todo – no alto da montanha Chalpón – até o centro da cidade de Motupe, são pouco mais de dez quilômetros de percurso, percorridos em três dias respeitando os pontos de parada para que em cada povoado se façam missas e devidas honrarias à cruz.¹²

A cruz é levada de um local a outro por meio de organizada procissão. No dia dois de agosto, ela é retirada de sua morada no alto da montanha para ir até a primeira capela, na comunidade de *Zapote*: o transporte é feito pela escadaria, com muito cuidado, em descenso (Imagem 1). Uma quantidade limitada de devotos (entre oito e dez pessoas) sustenta a cruz nos ombros por certo tempo até dar lugar para o próximo grupo. Atrás vem a banda de música da Irmandade. A cruz é recebida com fogos de artifício, aplausos e louvações (Imagem 2); após, há realização de missa campal. Ela pernoita na capela de *Zapote* para, no dia seguinte, seguir caminho até o povo de *El Salitral*, onde tudo se repete. No percurso feito no dia três de agosto, entre *Zapote* e *El Salitral*, a cruz passa por um cemitério antigo (*Nuestro Señor de la Resurrección*) e por um pequeno povoado, fazendo com que a procissão aumente cada vez mais (Imagem 3). Sempre caminhando, pessoas formam fila atrás da cruz, aguardando sua vez para assumir o lugar daqueles que estão a carregá-la. Esse revezamento é controlado por membros da Irmandade da Santa Cruz de Chalpón, que fazem um cordão de isolamento para garantir a segurança de quem leva a cruz e do próprio símbolo religioso que vai aos ombros dos fiéis. Uma pessoa pode entrar na fila quantas vezes quiser, pois não há regra para isso. Porém, dificilmente alguém que não tenha transportado a cruz consegue tocá-la, a não ser quando a mesma está diante do altar dentro de uma capela ou igreja.

Enquanto uns aguardam a sua vez para carregar o “santo lenho” – que está protegido por uma estrutura de metal para não deteriorar ainda mais a madeira (Imagem 4) –, outros acompanham a procissão por qualquer um dos lados. A multidão é diversa, assim como a forma de se penitenciar: há aqueles que carregam sua própria cruz (réplica mais leve e menor que a original); um santo de devoção em escala suportável para um indivíduo; um andor transportado por quatro pessoas com representação da Virgem Maria ou de *Nuestro Señor Cautivo de Ayabaca*; uns levam sacolas com pedras; outros, pequenos crucifixos; e há, também, aqueles ou aquelas que rezam pelas contas do rosário. Na retaguarda fica a banda da Irmandade que toca música e anima a lenta procissão.

conseguiu do bispado autorização para realizar sua festa fora do mês de setembro, quando comumente é comemorada a Exaltação da Santa Cruz no calendário católico.

¹² Os lugares de parada da cruz são: *Zapote*, *El Salitral* e igreja matriz *San Julian*, no centro de Motupe. O cronograma exato dos festejos obedece a uma ordem que é aceita pela Igreja católica: descenso da cruz, a procissão, a missa, a adoração da cruz, a música, os fogos de artifício e o

Chama à atenção a simplicidade das casas que estão pelo caminho percorrido, assim como a aridez do solo castigado por um sol muito quente.¹³ (Imagem 5)

À frente da multidão, em certos momentos, membros de outra irmandade¹⁴ caminhavam de joelhos, gritando louvores à cruz e ao seu santo de devoção, implorando aos céus perdão pelos pecados; enquanto faziam isso, seus confrades pediam esmolas aos romeiros. Nem todos simpatizavam com esse tipo de “demonstração de fé”, ouvindo-se, aqui e ali, críticas do tipo: *A trabajar, vagos!* Após várias horas de procissão, à tardinha do dia três de agosto, a cruz finalmente chega ao povoado de *El Salitral*, adentrando um templo especialmente construído para que possa abrigar a cruz naquela noite e onde centenas de pessoas irão participar de missa e orações antes de a mesma seguir caminho até a igreja matriz de Motupe, no próximo dia.

Nos dez quilômetros que separam a morada da cruz no alto da montanha até o centro da cidade de Motupe – onde estão a praça e a igreja matriz –, há centenas de pequenos vendedores ambulantes que oferecem todo tipo de serviço e produto, até poções de cura extraídas de animais como iguanas, cobras e lagartos. A maior concentração de vendedores está nas escadarias da montanha, nos povoados de *Zapote* (Imagem 6 e 7) e *El Salitral* e no centro da cidade de Motupe. Os moradores locais participam ativamente deste comércio, mas são os vendedores de outras localidades que parecem ser a maioria, vindos de várias partes do Peru, principalmente do norte e região das montanhas andinas. Afinal, é preciso aproveitar a presença de milhares de pessoas que circulam pelo município naquela primeira semana de agosto, principalmente no dia cinco – que é o dia principal dos festejos, já que, segundo a tradição, fora em cinco de agosto a descoberta da cruz. O ápice do evento é quando a cruz chega à igreja matriz (Imagem 8), onde são realizadas várias missas, bem como filas são formadas para que os devotos possam tocar na cruz – tudo dentro de um cronograma acordado entre a Irmandade, o bispo e a Prefeitura.¹⁵

regresso da mesma ao alto da montanha. Entre o dia de descenso (dois de agosto) e o seu retorno (doze de agosto) são dez dias de festa, fé e comércio.

¹³ Em agosto de 2018, fazia oito meses que não chovia na região. Contudo, essa chuva fora tão forte que a água que desceu da montanha destruiu a parte final da escadaria que levava à gruta onde repousava a cruz. Dias antes de iniciar a festa, os organizadores tiveram que retirar a cruz com arriscada engenharia (escalada e cordas de rapel). No ano de 2018, pelo menos, não foi possível aos romeiros, devotos e demais participantes acessarem a gruta.

¹⁴ Irmandade de *Nuestro Señor Cautivo de Ayabaca*, devoção, aliás, bastante conhecida no norte peruano.

¹⁵ Depoimento de José Maria Cabrejos Sandoval, presidente da Irmandade da Santíssima Cruz de Chalpón, aposentado, morador de Motupe (Entrevista feita em cinco de agosto de 2018).

Paralelamente à programação oficial, muitos fazem o seu próprio itinerário, no caso, dirigindo-se, em qualquer horário em um dos dias da festa, à montanha Chalpón para subir a escadaria que leva ao topo do grande cerro. Entre essas pessoas encontram-se turistas de diferentes lugares, que vem ao local por curiosidade, pela aventura, por devoção, para cumprir promessas ou para trabalho. O movimento de subida e descida é constante durante todos os dias, fazendo com que haja um incremento populacional (e possivelmente econômico)¹⁶ considerável no município.

Oralidade e história na construção da santidade da cruz de Chalpón

No meio da subida da longa escadaria da montanha encontramos um homem, com deficiência física nas pernas, que vendia um pequeno livro sobre a história da Santíssima Cruz de Chalpón. O preço de um *Sole* pelo livreto (cerca de R\$ 1,30 em agosto de 2018) era o que de mais barato se podia encontrar entre tudo o que se vendia no lugar. Folheando-o rapidamente, percebemos que era um manual para turistas/peregrinos que queriam se inteirar, minimamente, de *La Historia de la Milagrosa Santisima Cruz de Motupe* e da *Vida y Milagros del Padre Fray Juan de Abad*. O livreto de dezesseis páginas não tem autoria,¹⁷ nem sumário, tampouco local, editora ou data de publicação. Também não cita bibliografia nem fontes históricas. Porém, é recheado de fotos (recentes e antigas), supondo que foi feito após 2011, pois traz informações a respeito do roubo da cruz acontecido naquele ano.

O livreto apresenta a tradição oral que se perpetua há muitas décadas na região, mas só foi possível se dar conta disso ao conversar com as pessoas que participavam da festa, notando que quase todos repetiam as histórias presentes no pequeno manual para turistas/peregrinos. O livreto é dividido em três partes: lendas e mistérios daquele que construiu a cruz, no caso o “padre” *Juan Agustín de Abad*; a descoberta e os primeiros milagres atribuídos à cruz; e o roubo da mesma em 2011. Excetuando este último caso – felizmente resolvido pela polícia alguns dias após a cruz ter desaparecido de seu sítio no alto da montanha – os outros dois gravitam entre fatos e alguma especulação.

¹⁶ Não foi possível encontrar uma análise detalhada a respeito dos significados econômicos da festa para a cidade, apenas considerações gerais a partir da observação de outros pesquisadores que, em diferentes tempos, participaram e escreveram sobre o evento: Hans Henrique Brüning no final do século XIX (com publicação em 1922); Carlos Bachmann no início do século XX (1921); Carlos Del Castillo Niño a partir da década de 1950 (1967); Bernd Schmelz no final dos anos de 1980 (2013) e Julio César Fernández após o ano de 2000 (2007).

¹⁷ Logo encontramos o autor do livreto: um jornalista que, além de dar cobertura fotográfica ao evento, tinha uma barraca que vendia réplicas da cruz, bem como chaveiros, colares e outros pequenos objetos que imitavam prata.

O principal mistério diz respeito ao personagem que deu vida à Santíssima Cruz de Chalpón, o tal “padre” *Juan Agustín de Abad*. Conta a tradição que, por volta de 1850, mais ou menos, chegou à região um sacerdote não se sabe de onde, buscando o ermo da montanha para viver em reclusão, em oração e penitência. Descia à vila todos os finais de semana para rezar e curar as pessoas. Após algum tempo vivendo por ali, tomou o caminho da capital Lima, não sem antes deixar como marco de sua passagem uma cruz feita de um tipo de madeira extraída de uma árvore muito comum na região: *Guayacán*. A cruz, com oitenta quilos de peso, medindo dois metros de largura por dois e meio de altura, foi deixada na gruta que serviu de morada ao sacerdote, e dali só poderia ser removida para celebrações, devendo retornar ao seu ermo quando terminados os festejos (BACHMANN, 1921, p. 350). Sem saber exatamente o destino de *Juan Agustín de Abad*, os moradores preencheram as lacunas com lendas e especulação.¹⁸ Porém, por vezes, as lendas possuem ligações com determinados fatos.

A intenção, neste artigo, não é apenas confrontar memória, tradição oral com fontes históricas. O que nos parece relevante destacar é que as lendas criadas sobre *Juan Agustín de Abad* e a respeito da cruz – que falaremos abaixo – não estão desvinculadas dos fatos que lhes deram origem, pois sabemos que houve um eremita que por Motupe passou e lá habitou por alguns anos na primeira metade do século XIX (KARSBURG, 2014). Sem conhecer o destino dele, os moradores sentiram a necessidade de respostas, e o que se escuta atualmente nos depoimentos é um eco distante ou indício dos questionamentos daqueles que ficaram se interrogando sobre o paradeiro de *Juan Agustín de Abad*. Mas há detalhes que tornam essa história ainda mais interessante.

Segundo tradição oral, *Juan Agustín de Abad* construiu três cruzes antes de deixar a região.¹⁹ Contudo, as três cruzes ficariam “perdidas”, ou esquecidas, por vários anos, sem que os moradores de Motupe, Olmos e outras vilas das redondezas soubessem o

¹⁸ De acordo com o livreto, padre *Juan Agustín de Abad* faleceu próximo a Lima. Seu corpo fora enterrado em um cemitério nas cercanias da capital. Porém, por três vezes ele reapareceria deitado em cima da sepultura. Intrigado, o povo correu ao Arcebispo de Lima, que foi até o local averiguar o fato. Chegando lá, iniciou os ritos católicos, porém, nem bem havia começado, ouviu do próprio cadáver: “Soy el Padre Ermitano Fray Juan”. Com esta manifestação sobrenatural estava provada a santidade do sacerdote, sendo seus restos mortais enviados para Roma e lá seu nome canonizado (Livreto: *La Historia de la Milagrosa – Vida y Milagres del Padre*, s/d, p. 7-8).

¹⁹ Entre os pesquisadores, há dúvidas se o padre *Juan Agustín* teria construído três ou somente uma cruz. Por exemplo, C. Bachmann relata a existência de somente uma (1921, p. 350): a de Motupe. Por outro lado, Del Castillo Niño, baseando-se em entrevistas com moradores da região, atesta que o tal padre construiu três: a que está em Motupe, uma em Olmos no Cerro Rajado e outra que está em Penachí (1967, p. 235-236). Quanto a esta última (a cruz de Penachí), “apesar de ser honrada com devoção pelos habitantes da própria localidade e de povos vizinhos (...), não parece ter relação com o padre *Juan Agustín*,” conforme aponta Schmelz (2013, p. 17).

local exato onde repousavam. E o primeiro impulso para que as três fossem descobertas aconteceu em agosto de 1868, quando um grande terremoto atingiu o Peru, deixando muitos mortos e feridos.²⁰ No entanto, houve outro evento que fez recrudescer a fé nas cruzes.

Em 1869, onze meses depois do grande terremoto, previsões catastróficas de um “astrólogo alemão”, chamado Rudolf Falb (1838-1903), chegaram aos ouvidos dos peruanos.²¹ Diziam que ele previra que tanto o Peru quanto o Equador e o México seriam abalados por grandes tremores de terra, maiores que o de um ano antes. Isso fez com que os habitantes de Motupe se lembrassem das cruzes do eremita e de seu recado antes de desaparecer. De acordo com a tradição oral local, o “padre santo” havia dito que, quando o “fim do mundo” estivesse próximo, os habitantes poderiam se valer das cruzes para protegê-los do mal. Para isso, deveriam encontrá-las e levá-las para o centro das vilas, pois, uma vez lá estando, nada aconteceria aos moradores dos povoados.²² Expedições foram organizadas para explorar as montanhas próximas a Motupe e Olmos em busca das cruzes. Por fim, depois de alguns dias, encontraram-nas, porém, somente duas delas resistiram ao manuseio.²³

Certamente amedrontados com o terremoto de um ano antes, os peruanos associaram as previsões do astrólogo alemão a um cataclismo mundial, ao verdadeiro “fim do mundo”. Absolutamente inseguros, abandonaram casas, esvaziaram cidades, deixaram seus negócios para trás e foram buscar abrigo em lugares ermos ou nas igrejas.²⁴ Segundo Carlos Bachmann:

²⁰ Sobre o terremoto de treze de agosto de 1868, acompanhamos as notícias em várias edições do Jornal *El Comercio*, a partir de quatorze de agosto daquele ano. Hemeroteca, Biblioteca Nacional do Peru, Lima.

²¹ Jornal *El Comercio*, quatro de agosto de 1869, p. 2. Hemeroteca, Biblioteca Nacional do Peru, Lima.

²² O pesquisador Carlos Bachmann foi um dos primeiros a coletar informações mais precisas sobre a presença de certo eremita por Motupe, bem como a respeito das origens da cruz e da festa. Para isso, se valeu de entrevistas com moradores mais velhos do lugar, como o próprio descobridor da cruz: José Mercedes Anteparra (1839-1921), assim como de pesquisas anteriores de um arqueólogo/etnólogo alemão chamado Hans Henrike Brüning. Ver em: Bachmann (1921, p. 349-350) – Arquivo Regional de Lambayeque, Motupe, Peru.

²³ Essa história de busca pelas cruzes faz parte da tradição oral dos habitantes de Olmos, Motupe e outras cidades vizinhas. Muito dessa tradição foi registrada em livro por Carlos Bachmann (1921, p. 351-352), sendo seguido por tantos outros que acrescentaram uma ou outra novidade, tal como: Del Castillo Niño, 1967; Ibáñez, 1976; Fernández, 2007; Schmelz, 2013.

²⁴ As notícias deste novo e mais aterrador terremoto foram publicadas nos jornais peruanos a partir de julho de 1869, sempre vinculadas aos estudos do astrólogo alemão Rudolf Falb.

O anúncio do fim do mundo alarmou muito as pessoas. Em todas as partes permaneceram abertos os templos religiosos, de dia e de noite; multidões se amontoavam diante dos altares a implorar piedade a Deus e clemência para si e seus familiares; aos gritos confessavam seus pecados, fazendo fervorosas promessas de corrigirem suas vidas; os sinos tocavam guiando as orações; faziam penitências públicas, e frades e sacerdotes de todos os ritos, de todas as crenças, não repousavam para poder preparar os pecadores para o dia fatal, inevitável e última passagem desta vida de sofrimentos a outra talvez melhor (1921, p. 350).²⁵

O vaticínio do astrólogo alemão, contudo, não se confirmou, ou antes, pequenos e corriqueiros tremores aconteceram, mas de baixa intensidade e sem vítimas. No norte, mais precisamente em Motupe, os moradores acreditaram que nada lhes aconteceu pela santa presença da cruz na praça central.²⁶ O fato é que a fama da cruz começou a crescer desde então, organizando-se uma festa em sua homenagem que, em 2018, completou cento e cinquenta anos. Inicialmente tímida, a mesma passou por distintas fases até se tornar uma das mais concorridas e conhecidas de todo o país. Em janeiro de 2018, o papa Francisco, em visita ao Peru, abençoou a Santa Cruz de Chalpón – que foi cuidadosamente transportada de Motupe até a cidade de Trujillo para participar das solenidades oferecidas ao papa.²⁷

Entre a data de construção das cruzes e suas descobertas pela ação de moradores locais, em 1868 ou 1869,²⁸ aquelas parecem ter ficado “perdidas” no alto do Cerro Chalpón e outros cerros vizinhos a esse. O terremoto de 1868 e os anúncios catastróficos de 1869 deram o empurrão para que as “esquecidas” cruzes ganhassem importância, juntamente ao tal “padre” que as construiu. Porém, a tradição oral excluiu

²⁵ Tradução livre do espanhol para o português.

²⁶ Entrevista de Carlos Bachmann com o senhor José Mercedes Anteparra (BACHMANN, 1921, 351; Fernández, 2007, p. 133).

²⁷ Para mais informações a respeito da visita do papa ao Peru e seu encontro com a Santa Cruz de Chalpón, ver em: <https://peru21.pe/peru/papa-francisco-cruz-motupe-trujillo-392167-noticia/> e <https://larepublica.pe/sociedad/1171801-cruz-de-motupe-y-divino-nino-del-milagro-llegaron-para-visita-del-papa/1/> - Acesso em: dois de abril de 2020.

²⁸ A tradição fala que as cruzes foram descobertas em cinco de agosto de 1868. Porém, o grande terremoto aconteceu em 13 de agosto daquele ano. O mais provável é que foi a partir das previsões do astrólogo alemão que os moradores de Motupe saíram em busca das cruzes, descobrindo-as no princípio de agosto de 1869, e não em 1868.

um evento e gravou o outro, no caso, “olvidou-se” do grande terremoto de agosto de 1868, mas consolidou as previsões calamitosas – que só não arrasaram Motupe porque a cruz já estava a proteger a cidade e seus habitantes.

Juan Agustín de Abad: o santo ermitão

Ao buscarem respostas em arquivos locais e na tradição oral que esclarecesse quem foi o construtor das cruzes, pesquisadores peruanos e peruanistas²⁹ não avançaram muito nos últimos cem anos. Basicamente, o que de mais importante se sabe sobre tal personagem foi publicado no livro de Carlos J. Bachmann, de 1921, que escreveu:

apareceu na vila de Motupe, sem saber-se de onde e nem quando, um peregrino cujo nome, segundo dizem, respondia ao de Juan Agustín de Abad. Este ermitão prontamente se rodeou de boa reputação por suas raras virtudes (...). Raramente o viam, não mais de uma vez por semana [ele aparecia] em Olmos e Motupe, ignorando-se onde residia, como vivia e de que se ocupava. Quando chegava ao povoado, visitava a igreja, fazia compras, repartia as esmolas, dava conselhos aos afligidos, curava enfermos, e mais de um milagre dos que lhes atribuem são relatados hoje mesmo com marcante fé (...). Um belo dia desapareceu este justo homem sem que ninguém soubesse para onde havia se dirigido; alguns o davam como morto (1921, p. 113).

Pelos depoimentos colhidos por Bachmann, dizia-se que o *ermitão* recitava o rosário nas igrejas, capelas e residências de Motupe e Olmos, trocando objetos sagrados feitos por ele por comida. Nunca aceitava dinheiro, era um andarilho resistente que ninguém conseguia seguir ou acompanhar, descobrindo um olho de água “santa” e

²⁹ Uma questão a ser explorada futuramente é desvendar esse interesse de alemães pela região norte do Peru, notando que desde Hans Henrique Brüning – que esteve no país na segunda metade do século XIX para desenvolver seus trabalhos etnográficos e geográficos – até Bernd Schmelz, passando por Carlos Bachmann, há esse envolvimento de alemães com a região. Isso sem falar do polêmico astrólogo Rudolf Falb, o responsável por fazer previsões de grandes terremotos para o Peru, Equador e México para o ano de 1869.

deixando como presente um manto – por muito tempo venerado na igreja de Santo Domingos de Olmos e, posteriormente, em uma casa particular na mesma cidade.³⁰

Ainda que pesquisadores tenham tentado encontrar novas informações sobre o *ermitaño*, pouco ou quase nada foi acrescentado ao que Carlos Bachmann apresentou em 1921. Com tantas dúvidas, surgiu certa confusão ao retratar o personagem: o etnólogo alemão Hans Henrique Brüning, em 1907, escreveu que quem havia construído as cruzes em Motupe e Olmos era um sacerdote franciscano chamado “Padre Guatemala” (BRÜNING, apud SCHMELZ, 2013, p. 10-11). Pesquisas posteriores como a de Bachmann (1921) e León Baradiarán y Paredes (1935) notaram a confusão de nomes, concluindo que a maior parte dos relatos se referia a *Juan Agustín de Abad* como aquele que fizera as cruzes (SCHMELZ, 2013, p. 11-12).

Mesmo que tenha acontecido alguma sobreposição de sujeitos – algo que os estudos sobre a Tradição de São João Maria,³¹ no sul do Brasil, estão familiarizados –, todos os autores aqui citados, de Brüning (1907) até Schmelz (2013), passando por León Baradiarán y Paredes (1935), Del Castillo Niño (1967), Ibañez (1976) e Fernández (2007), elencaram as seguintes características para *Juan Agustín de Abad*: peregrino catequizador de almas; grande orador; aparecia e desaparecia quando queria, sem que ninguém soubesse de onde vinha e para onde ia; curava os enfermos, dava conselhos, repartia as poucas esmolas que possuía; ninguém duvidava de sua santidade; benfeitor religioso, diretor espiritual; de vida simples, era bondoso; porém, às vezes era duro em seus discursos; sóbrio no comer e modesto no vestir; severo e sereno, honesto de costumes. Por muito tempo seu desaparecimento inesperado foi tema obrigatório de todas as rodas de conversa na cidade e no campo, reunindo-se fragmentos das principais atuações do eremita “percursor da fé” naquela região do Peru: “Parecia impossível que esse ídolo dos povos fosse totalmente mortal”, concluiu Ibañez (1976, p. 73-74) a partir dos depoimentos colhidos por Bachmann. Sem respostas e aflitos com o repentino desaparecimento do eremita, “os moradores mandaram rezar missas por sua alma, pedindo sua intervenção diante do Todo Poderoso” (Ibid.).

³⁰ Talvez um dos últimos pesquisadores a visualizar tal manto tenha sido Bernd Schmelz, antropólogo alemão que esteve no norte do Peru no final da década de 1980. Ele relata ter visto o manto na casa da senhora Angélica León Adrianzén, então com 91 anos de idade em 1989 (SCHMELZ, 2013, p. 13-14). Em entrevista para o autor deste artigo, a senhora María Altemira Andonaire Huertas também afirmou que o manto do eremita estava sob a guarda de Angélica León. Porém, desconhecia, na atualidade (2018), o destino do manto. Entrevista com María A. A. Huertas, cinco de agosto de 2018 e por e-mail.

³¹ Tradição ligada ao monge João Maria nos três estados do sul do Brasil. A bibliografia sobre o tema é vasta, mas destaco: Fachel (1995); Welter (2007); Espig e Machado (2008); Espig e Kunrath (2018).

Se o lendário pode se alimentar de fatos testemunhados, e que serão contados e recontados de geração em geração, sabemos que as especulações vão ganhando terreno à medida que o tempo transcorre, principalmente quando há muitas perguntas sem respostas. Por pesquisa de Karsburg (2014), descobriu-se que um eremita italiano chamado *Giovanni* Maria de Agostini permanecera em Motupe entre os anos de 1839 e 1841. O principal documento para confirmar isso é categórico: um livro de memórias escrito ou ditado³² pelo próprio eremita, que assim se referiu à sua passagem pelo local:

Em Motupe, província de Lambayeque, passei dois anos em uma caverna ao lado de uma grande montanha dos Andes. Minha casa era doze milhas distantes das aldeias, mas isso não me impedia de ir à igreja paroquial, todos os domingos e dias de festa, para assistir à Missa. Naquele tempo eu era jovem, caminhar, então, era um verdadeiro prazer (WOLFE, apud KARSBURG, 2014, p. 358).

Entre outras tarefas descritas pelo eremita, diz ele ter visitado “os doentes e os pobres, fazendo o melhor para levar a eles um pouco de conforto.” No início da noite, depois de os sacerdotes concluírem a cerimônia da Missa, “eu reavivava a fé nas Casas de Deus recitando o Rosário e realizando breve exortação aos ouvintes sobre o Temor de Deus e outros assuntos apropriados.” Para o eremita, “era um prazer ver como aquelas simples almas reagiam às palavras e como recebiam os ensinamentos da Santa Igreja de que há tanto tempo haviam sido privadas”. Antes de deixar Motupe, recebeu de um importante morador uma carta de recomendação que dizia: “Deus tem olhado por nós e nos protegido de todo mal enquanto o solitário reverendo viveu entre nós” (Ibid.).

De Motupe, Agostini diz ter seguido o caminho do sul, passando por Trujillo – cidade litorânea fundada no início do século XVI pelo conquistador espanhol Pizarro – com o objetivo de chegar ao “famoso *Cerro de Pasco*, onde permaneci alguns meses em uma altitude de 12 mil pés [3.657 metros] acima do nível do mar”. Em novembro de 1842, os documentos indicam que ele se encontrava na capital do Peru, Lima, e “aqui o arcebispo insistiu para eu me tornar padre, mas não pude aceitar o convite; minha vocação me chamava para a solidão, e não para o sublime ministério sacerdotal”. Desculpou-se com o arcebispo, despediu-se dos conhecidos e partiu da capital em

³² Segundo Karsburg, o livro de memórias original está atualmente desaparecido. Porém, antes que isso acontecesse, um escritor norte-americano chamado Charles Wolfe, em 1925, conseguiu traduzir para o inglês o livro original, que estava em espanhol. Esta cópia encontra-se na Biblioteca Frei Angélico Chaves, na cidade de Santa Fé, Novo México, EUA (KARSBURG, 2014, p. 111)

direção a nordeste, alcançando a cidade de Moyabamba em abril de 1843, já na floresta amazônica peruana (WOLFE, apud KARSBURG, 2014, p. 359).

Mesmo que certos detalhes desta viagem tenham chegado ao conhecimento de seus amigos, admiradores e devotos da região de Motupe, muitas questões permaneceram em aberto para eles, como a origem do eremita, suas motivações para realizar tal peregrinação, seu destino e local de falecimento. Aliás, o “privilégio” da dúvida não ficaria restrito aos habitantes de Motupe e redondezas, pois por outros lugares onde o eremita passou também deixou muitos questionamentos – o que abriu espaço para especulações variadas que, com o tempo, acabaram por serem agregadas à tradição religiosa popular em distintas e distantes áreas da América Latina católica, do Brasil ao México, incluso certas áreas dos Estados Unidos, como o Novo México.³³

A hipótese de não ter sido ele a ter deixado a cruz em Motupe é pequena, já que o mesmo escrevera a respeito do tempo em que lá permanecera e também porque ele tinha como costume construir cruzes como marcos de sua passagem pelos lugares – apesar de tal prática não ser somente dele, mas de todo missionário religioso em trabalho de catequização. Motupe, contudo, será o primeiro lugar em que ele ficará por mais tempo (cerca de dois anos), bem como apresentará ali marcas que lhes serão características em suas viagens pelo continente americano: a vida em isolamento no alto de montanhas, a ida às vilas para fazer sermões, rezar nas casas das pessoas, visitar e tratar de doentes, trocar objetos que fabricava por alimento, descobrir ou abençoar fontes de água, entre outros. Além disso, o nome gravado na memória dos habitantes do norte peruano, *Juan Agustín de Abad*, parece um amálgama do nome *Juan Maria de Agostini* com o seu santo de devoção, Santo Antônio Abade – o primeiro dos eremitas cristãos, que viveu nos desertos do Egito entre os séculos III e IV da nossa era. Em suas peregrinações pelas Américas, não poucas vezes Agostini tentou estabelecer essa relação com o eremita egípcio, deixando, inclusive, uma imagem de Santo Antônio Abade no Cerro do Campestre, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, para que se tornasse centro de peregrinação – e que de fato acontece até os dias de hoje (ALVES, 2008; KARSBURG, 2007; 2014).

Em entrevista para o documentário “A Maravilha do Século”, o presidente da Irmandade da Santa Cruz de Chalpón, José Maria Cabrejos Sandoval, deu a seguinte resposta ao saber que o eremita *Juan Agustín de Abad* também havia estado no Brasil:

³³ O estado do Novo México é um enclave cultural latino (mexicano) nos Estados Unidos. Realizamos pesquisas, entrevistas, filmagens e fotos nas cidades de Las Cruces, Mesilla, Albuquerque, Santa Fé e na comunidade de *Gallinas*, onde está a “Montanha do Eremita” (*The Hermit’s Peak*), que leva esse nome justamente por ter ali permanecido o eremita *Juan Maria de Agostini*, entre 1863 e 1866.

Esse *frayle* [frade] *Juan Abad* (...) tinha esse dom, de transportar-se, por isso pode ter estado no Brasil e em qualquer lugar que alguém o tivesse invocado... esse é o espírito de Deus, que caminha no espaço e para onde o estão chamando. Em meio a isso, é muito importante: tem que ter fé, se não há fé, não há nada! (A Maravilha do Século, Direção Márcia Paraíso, 2019, 04':13" a 05':08")

O mesmo senhor José Maria Cabrejos afirmou que muito do que se fala sobre o tal *Frayle Juan Abad* são lendas inventadas pela população.³⁴ Porém, ficou evidente – ao menos para os entrevistadores – que pouco importou para o senhor Cabrejos descobrir o país de origem do *frayle*, por onde havia andado e o local de seu sepultamento. Como um “iluminado”, *Juan Agustín de Abad* era um “homem santo”, alguém “dotado do espírito de Deus”, portanto, capaz de ter estado fisicamente em qualquer lugar e a qualquer tempo fazendo milagres e ajudando aos mais necessitados.

Outra entrevistada em Motupe foi Socorro Ruiz Chully,³⁵ que atendia em uma das centenas de barracas de produtos religiosos que encontramos ao longo da escadaria da montanha Chalpón, ajudando a mãe na venda de *souvenirs* para os turistas/peregrinos. Foi para esta jovem que tive de responder se o corpo de *Juan Agustín de Abad* estava enterrado em Roma e se ele havia sido canonizado. Para ambas as perguntas a resposta foi a mesma, e, assim como a reação do senhor Cabrejos, a jovem não mostrou desapontamento.

Os depoimentos e as reações são interessantes por nos fazerem pensar em que medida a crença e a fé que o devoto possui poderá ser transformada ao ter acesso a novas informações sobre o monge/eremita/*frayle*. Evidentemente que, ao mostrarmos as fotos do eremita para os entrevistados, esses não ficavam indiferentes, sendo visível a surpresa e a satisfação em visualizar, pela primeira vez, a imagem do eremita *Juan Agustín de Abad*. Mesmo que a tradição oral existente possa ser confrontada pela chegada de outros fatos, o lendário e a memória, que não são estáticos, não serão imediatamente alterados. As novas informações serão absorvidas, processadas e agregadas ao conjunto existente de

³⁴ Talvez estivesse se referindo às informações mencionadas no livro que compramos por um *Sole* nas escadarias da montanha. Entrevista concedida em cinco de agosto de 2018 e também por e-mail. O senhor José Maria Cabrejos tinha, em 2018, 85 anos. Havia sido várias vezes presidente da irmandade, cumprindo novo mandato naquele ano (de janeiro de 2018 até dezembro de 2020).

³⁵ Socorro Ruiz Chully, 26 anos (2018), moradora de Motupe. Entrevista feita pessoalmente em três de agosto de 2018 e por e-mail.

elementos que tornam o sujeito um “homem santo”, reforçando, e não enfraquecendo, a crença. No entanto, somente o tempo poderá dizer em que medida as histórias serão modificadas. De qualquer modo, a admiração por personagens míticos como *Juan Agustín de Abad* não será abalada, como prova a resposta do senhor Cabrejos.

Considerações Finais

No processo de entrevistas e de filmagens nos lugares de devoção e memória relacionados a João Maria de Agostini na América Latina e Estados Unidos,³⁶ foi possível perceber o empenho das populações em impedir o esquecimento e de fixar a experiência, os lugares, os símbolos e os objetos a um sujeito mítico (o eremita) e a um passado presente,³⁷ configurando-se como legítimo patrimônio cultural.³⁸ A memória que se quer coletiva acentua funções positivas das devoções e celebrações, pois promove coesão, adesão afetiva dos grupos que participam/organizam das/as festividades. As festas, os símbolos e os lugares de devoção (NORA, 1993) geram um sentimento de identidade e continuidade nos participantes.

Não há como negar que as devoções iniciadas pelo personagem se desenvolveram em um fundo cultural religioso comum, qual seja: o catolicismo latino-americano, “região do mundo em que o tamanho do clero sempre foi inversamente proporcional à força de alcance da fé” (MENEZES, 2004, p. 132). Contudo, apesar deste

³⁶ A lista das devoções criadas pelo eremita e que existem atualmente é longa. Para a produção do documentário visitamos as seguintes festas/romarias/lugares: a devoção à Santíssima Cruz de Chalpon, em Motupe (Peru); a devoção a Santo Antônio Abade no Cerro do Campestre, em Santa Maria (RS, Brasil); a procissão da Sexta-Feira Santa no Cerro do Botucaraí, em Candelária (RS, Brasil); a Montanha do Eremita (*Hermit's Peak*), em Gallinas (Novo México, EUA). Na cidade de Las Cruces, também no Novo México, fomos até o local do assassinato do eremita (*La Cueva*), bem como visitamos o lugar onde seu corpo está enterrado, no *San Albino Cemetery*. O Cerro do Monge e a comunidade de Floresta São João, na Lapa (Paraná, Brasil); e lugares de memória como a Pedra Santa em Araçoiaba da Serra (São Paulo, Brasil); a Ilha do Arvoredo, em Florianópolis (SC, Brasil); a gruta do *ermiteiro* no Pico de *Orizaba*, San Miguel Zoapan (Puebla, México); além da paróquia de *San Vittore*, em Sizzano (Piemonte, Itália).

³⁷ Michael Pollak argumenta que por meio das festas e rituais religiosos que as pessoas se envolvem é possível que elas consigam se identificar com esse tempo passado, ativando o que ele chama de “memória quase que herdada” (1992, p. 201). O artigo de Pollak também se refere a marcos ou pontos relativamente imutáveis da memória, apesar de suas características flutuantes. Com base nesse autor, portanto, foi possível atestar que certos elementos do passado não sofreram câmbios, como as narrativas sobre *Juan Abade* e a respeito da cruz.

³⁸ A UNESCO define como Patrimônio Cultural Imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” <http://portal.iphhan.gov.br/portal> - Acesso em: 15 de Agosto 2019.

fundo cultural religioso que aproxima populações das três Américas, definitivamente não há como acreditar em uma crença homogênea em torno do eremita e das devoções a ele atreladas, pois nem em Motupe assim ela se apresenta.

Mesmo que no transcurso da pesquisa e das viagens para a produção do documentário fosse possível antever a criação de uma identidade comum às pessoas que, de algum modo, deram sequência ao que o monge/eremita pregou, o objetivo foi perceber as distintas formas de leitura manifestadas no campo religioso. As diferenças mais evidentes que identificamos são o nome como o personagem é conhecido,³⁹ as representações imagéticas (ou ausência delas), as histórias e lendas, os múltiplos símbolos religiosos e os locais de natureza inóspita ou acolhedora. Essa diversidade, parcialmente explorada no documentário “A Maravilha do Século” (Direção Márcia Paraíso, 2019), pode e deve ser ressaltada em novas pesquisas, analisando as representações que devotos, admiradores e pesquisadores criaram sobre o personagem, avaliando seus feitos e como vivem/participam das festas e devoções.

Tradições foram sendo construídas e transmitidas pela oralidade e pela experiência, de geração em geração, sendo vividas pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história. Mesmo que tenha sido a história a dar o escopo instrumental que fundou as devoções, a narrativa hegemônica que tornou objetos, lugares e símbolos verdadeiros patrimônios culturais foi uma construção comunitária, local, atrelada a valores dos grupos sociais ao longo do último século e meio.⁴⁰ Essa constatação serve como problema ou pergunta geral que pode ser feita a outras devoções ligadas ao eremita italiano nas Américas, não para generalizar respostas, mas para, justamente, alcançar suas particularidades.

Mesmo que na essência a festa da Santíssima Cruz de Motupe se assemelhe a tantas outras romarias e festas religiosas espalhadas pela América Latina católica – ela tem um símbolo (a cruz), um personagem mítico (*Juan Agustín de Abad*), procissões, missas e orações, além de muito público e comércio –, são os detalhes que devem ser buscados pelo historiador, pois é dessa procura que identificaremos suas especificidades, o que a torna única dentro do conjunto maior de devoções. Essa não é uma afirmação meramente retórica, mas resultada de pesquisa empírica e aplicação de um método, qual seja: o de confrontar a memória presente na tradição oral à história, pois, como bem

³⁹ Giovanni Maria de Agostini (Itália); João Maria de Agostini e São João Maria (Brasil); *Juan Agustín de Abad* (Peru); *Juan Maria de Agostini* (Argentina, Cuba, México, Estados Unidos). E ainda: monge, eremita, *ermitaño*, *Abad*, padre santo, sacerdote; ou por uma suposta pertença à Ordem Religiosa: franciscano, jesuíta, agostiniano, antoniano (Ordem de Santo Antônio Abade).

⁴⁰ Hipótese amplamente amparada nas afirmações de Meneses (2018, p. 69-75), que aborda o patrimônio cultural como uma forma de história pública.

lembra Ana Maria Mauad, “é necessário ultrapassar os limites do senso comum do qual a memória emerge e encontra sua inspiração primeira, abrindo caminho para a avaliação crítica da história” (2018, p. 34).⁴¹

Primeiramente, busquei ouvir atentamente a tradição oral e ser um observador participante da festa em Motupe (bem como das outras que fizeram parte das filmagens para o documentário); na sequência, investiguei sua origem nos arquivos e na bibliografia, esclarecendo fatos e encontrando personagens; após, em exercício analítico, tentei perceber as peculiaridades que tornam essa festa singular dentro do conjunto de outras devoções iniciadas ou ligadas às ações de um mesmo sujeito. Poderia citar alguns exemplos das diferenças encontradas, mas fiquemos somente com o caso apresentado anteriormente neste texto: a crença de que a cruz salvara o povoado de Motupe do “*fuerte cataclismo*” que se anunciava para aquele ano de 1869.⁴² Esse teria sido o primeiro grande milagre da Cruz de Chalpón. Portanto, reafirmo que foram as condições locais – ambiente e natureza em amálgama com cultura e religiosidade – que sustentaram a *construção comunitária de sentidos*, fazendo com que a cruz se tornasse conhecida, reverenciada e festejada, bem como *Juan Agustín de Abad*. A tradição criada em torno da cruz e do *ermitaño* é derivada de uma combinação de elementos que não se repetiu em nenhum outro ponto das Américas.

Por fim, foi uma surpresa constatar o alcance que tem a festa da Santíssima Cruz de Chalpón no Peru.⁴³ E quanto mais próximos chegávamos de Motupe, mais nos dávamos conta do quanto a cruz é conhecida, reverenciada, além de ser fator de orgulho de uma cidade, símbolo de fé e identidade para os que organizam a festa e para os moradores locais. A multidão presente em todos os dias do evento também é admirável, não restando dúvidas de que essa festa, em Motupe, apesar de não ser a mais antiga,⁴⁴ é, atualmente, a maior de todas as devoções ainda existentes que têm conexão com o eremita João Maria de Agostini, ou *Juan Agustín de Abad* como lá é conhecido.

⁴¹ O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses é categórico ao afirmar que “a história não é o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar a sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da história” (Meneses, 1992, p. 23).

⁴² Lembrando que as previsões se deram em 1869, um ano após o grande terremoto de agosto de 1868.

⁴³ Na capital Lima, onde permanecemos vários dias para pesquisas, não houve pessoa que não conhecesse ou não tivesse ouvido falar da devoção a Santíssima Cruz de Chalpón.

⁴⁴ Entre as devoções ainda existentes que tiveram por origem a atuação do eremita italiano, a mais antiga é a romaria que acontece no Cerro do Campestre, no município de Santa Maria, no centro do estado do Rio Grande do Sul. Segundo pesquisas (ALVES, 2008; KARSBURG, 2007, 2014), a

Arquivos e fontes:

- Arquivo Regional de Lambayeque, Motupe, Peru.
- Biblioteca Nacional do Peru, Lima. Hemeroteca: Jornal *El Comercio*, junho, julho e agosto de 1868; julho e agosto de 1869 (vários números).

Internet:

- <http://portal.iphan.gov.br/portal> - Acesso em: quinze de Agosto 2019
- <https://peru21.pe/peru/papa-francisco-cruz-motupe-trujillo-392167-noticia/> - Acesso em: dois de abril de 2020.
- <https://larepublica.pe/sociedad/1171801-cruz-de-motupe-y-divino-nino-del-milagro-llegaron-para-visita-del-papa/1/> - Acesso em: dois de abril de 2020.

Documentário:

A Maravilha do Século: a incrível jornada de Giovanni Maria de Agostini pela América no século 19. Direção: Márcia Paraíso, 87 min, Brasil/EUA: Plural Filmes, 2019.

Entrevistas:

Socorro Ruiz Chully, comerciante, moradora de Motupe, Peru.
María Altemira Andonaire Huertas, aposentada, moradora de Motupe, Peru.
José Maria Cabrejos Sandoval, Presidente da Irmandade da Santíssima Cruz de Chalpón, aposentado, morador de Motupe, Peru.

Referências

- ALVES, Robinson Fernando. *Romeiros e peregrinos na romaria de Santo Antão*: o povo da cruz rumo à salvação latino-americana. Dissertação de Mestrado em Integração Latino-Americana, Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2008.
- ÂNGELO, Elis. R. B.; SIQUEIRA, Euler D. de. “Patrimônio cultural na contemporaneidade: discussões e interlocuções sobre os campos desse saber.” In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 25, n. 48, p. 51-86, dez. 2018.
- BACHMANN, Carlos J. *Monografía histórico-geográfica*. Imp. Torres Aguirre, Lima, 1921.
- BRÜNING, Hans H. *Estudios monográficos de Lambayeque*. Compilado por James M. Vreeland, Jr. Sican. Lima: Editorial Grafica Pacific Press S.A., 1922.
- DEL CASTILLO NIÑO, Carlos. *La Cruz del Chalpón*: Leyenda, Tradición, Relato. Lima: Segunda Edición, 1967.

festa do Campestre de Santo Antão (Santo Antônio Abade) existe desde 1848, iniciada a partir da descoberta de uma fonte de água pelo monge/eremita João Maria de Agostini.

- ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). *A Guerra Santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- ESPIG, Márcia J.; KUNRATH, Gabriel. “Os Mapas de Devoção a São João Maria.” TOMPOROSKI, Alexandre Assis; ESPIG, Márcia J. (orgs.). *Tempos de muito pasto e pouco rastro*. São Paulo: LiberArs, 2018, p. 135-177.
- FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria: recusa dos excluídos*. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 1995.
- FERNÁNDEZ, Julio César. *Motux: Historia, Tradición y Fe en el Norte del Perú*. Chiclayo: Facultad de Humanidades, Universidad Católica Santo Toribio de Mogrovejo, 2007.
- IBAÑEZ, Eugênio W. *Los Chimús, La Cruz de Chalpón, em la leyenda de los siglos*. Enrique Vera: Lima, 1976.
- KARSBURG, Alexandre. *Sobre as ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.
- _____. *O Eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.
- LÉON BARADIARÁN, Augusto; PAREDES, Rómulo. *A golpe de arpa: Folk-lore lambayecano de humorismo y costumbres*. Lima, 1935.
- MAUAD, Ana Maria. “Usos do passado e História Pública no Brasil: trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017)”. *História Crítica*, n. 68, 2018, p. 27-45, <https://doi.org/10.7440/histcrit68.2018.02> Acesso em: dez de julho 2019.
- MENESES, José Newton Coelho. “Todo patrimônio é uma forma de história pública?”. In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (orgs.). *Que história pública queremos? = What public history do we want?* São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 69-75.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. “História, cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais?”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. N. 34, 1992, p. 9-24.
- MENEZES, Renata de Castro. *A Dinâmica do Sagrado*. Rituais, Sociabilidade e Santidade num Convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- NORA, Pierre. “Entre história e memória: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, 1993, p. 7-28.
- POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- SCHMELZ, Bernard. *El nacimiento de un símbolo de identidad: La Santísima Cruz de Chalpón de Motupe (Perú) y la protohistoria de su fiesta*. Museum für Völkerkunde, Hamburgo, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

WELTER, Tânia. *O profeta São João Maria continua encantado no meio do povo: um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2007.

Imagens

Imagem 1: Descenso da Cruz



A cruz sendo levada pelos devotos pelas escadarias da Montanha Chalpón. Fonte do autor. Dois de agosto de 2018.

Imagem 2: Recepção da Santa Cruz



A cruz é recebida por devotos na comunidade de *Zapote*. Fonte do autor. Dois de agosto de 2018.

Imagem 3. Procissão



Procissão segue seu caminho entre os povoados de *Zapote* e *El Salitral*. Foto de três de agosto de 2018, concedida ao autor por Márcia Paraíso.

Imagem 4: A cruz levada pelos fiéis



A cruz está protegida por uma estrutura metálica. Foto de três de agosto de 2018, concedida ao autor por Márcia Paraíso.

Imagem 5: Paisagem



Moto-táxi (*tuc-tuc*) cruza por casas simples, solo árido em região pré-andina. Foto de três de agosto de 2018, concedida ao autor por Márcia Paraíso.

Imagem 6: Vendedores e romeiros



Comércio nas escadarias da comunidade de *Zapote*. Fonte do autor. Dois de agosto de 2018.

Imagem 7: Povoado e montanha



Casario em *Zapote*, primeiro povoado onde a cruz permanece depois de descer a Montanha Chalpón, ao fundo. Foto de dois de agosto de 2018, concedida ao autor por Márcia Paraíso.

Imagem 8: Veneração da Santa Cruz de Chalpón



Santíssima Cruz de Chalpón chegando à igreja Matriz de Motupe, em cinco de agosto de 2018. Foto concedida ao autor por Márcia Paraíso.